

A BUSCA POR UM ENSINO-APRENDIZAGEM MAIS EFICIENTE (ANOS FINAIS DO FUNDAMENTAL)

MÔNICA VAZ LIMA¹

ANA PAULA NOBRE DA CUNHA²:

¹Universidade Federal de Pelotas – vazmonica58@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – apncunha@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Relato da experiência de estágio em uma escola pública de ensino Fundamental no município de Pelotas, Escola Dona Mariana Eufrásia, com restrições quanto ao uso de recursos tecnológicos. O adiantamento era o 6º ano, turma B, na disciplina de Português. Uma turma de tamanho mediano, 20 alunos (destes, duas crianças com necessidade de atendimento especial), onde a maioria diz não gostar de ir para a escola. Observei a turma durante 15 períodos: a metodologia das aulas era a tradicional, conteúdo apresentado de forma expositiva, alunos em fileira e com regra de silêncio. A matéria de uma apostila, preferida pela professora, era passada no quadro e os alunos copiavam.

O estágio de regência, foi na sequência e com a mesma turma. A proposta de trazer o texto como base para desenvolver as habilidades de leitura, escrita, oralidade e análise linguística, como a BNCC orienta e seguindo a proposta de IRANDÉ (2014, cap 13, p. 148-149) quanto a abordagem reflexiva da componente curricular do Português, considerando a aprendizagem: - de uma gramática contextualizada; - vinculada ao exercício da compreensão de sentidos e interações; procurar perceber como os itens gramaticais concorrem para a significação e que efeitos de sentido provocam; - voltada para a observação da língua real; - crítica, investigativa, inquieta vinculada a um ensino que desenvolve também a habilidade de 'perguntar'; aberta, flexível, propícia à aceitação das alterações e mudanças que vão surgindo; da totalidade, dando lugar ao mundo fantástico do léxico, com toda a sua multissignificação e dinamicidade; de relevância discursiva, que vai muito além da frase, para incluir um estudo das propriedades dos textos, do sintático e do pragmático, entre outros.

Em relação a abordagem, vendo a escola como um espaço social, buscamos na metodologia centrada no aluno (ROGERS 1973, 1977 e 1986, *apud* SOUZA, 2021) e de forma cooperativa (PEREIRA E SANCHES, 2013) uma possibilidade de cativar o aluno com o aprendizado da língua materna; por meio de uma maior observação de cada indivíduo, ouvir suas reclamações e ponderar sobre, tentando colocar os alunos no centro do processo educativo; objetivamos instigar os alunos a buscar o entendimento, criando exemplos juntos, de forma cooperativa, vendo as possibilidades de reescrita e tentando ser o mais horizontal possível em nossas interações.

A relevância de nosso relato está na necessidade de tornar as aulas da Língua portuguesa mais atrativas. A importância da busca por alternativas de ensino-aprendizagem da língua materna que possam tornar o aluno mais confiante, que desmistifiquem a *quase inalcançável proficiência* do aluno no português, é baseada em SOUZA (2012, p.3 e 4) que sugere aproximar a teoria da prática e levar

“metodologias diferenciadas para a sala de aula que poderão ser um caminho para tornar as aulas mais atrativas e o aluno mais participativo no processo”.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

Na observação busquei identificar o comportamento dos alunos. Ao passar para a regência, eles preencheram uma ficha com seus gostos e atividades preferidas, para fazermos uma aproximação e tentar tornar o ambiente mais descontraído, tínhamos *playlists* que eles me passaram e eu colocava no meu celular, para quando eles estavam produzindo.

Na interação, focamos a atenção na liberdade de expressão em sala de aula, na inclusão de todos com diálogos abertos, onde todo aluno tivesse voz, buscamos assuntos e atividades que chamassem eles ao diálogo e a reflexão, com textos variados, trabalho em grupo, atividades de escrita conjunta, criação de textos que envolvessem a família na construção; na tentativa de tornar o aprendizado da gramática, das formas e dos sentidos do texto, mais natural dentro do processo de aprendizagem e menos estigmatizado. Quando observava sinais de cansaço, tentava uma atividade lúdica como o jogo da forca, por exemplo.

Inicialmente, fomos aprendendo no quadro, intercalando pequenos textos e as discutidas frases soltas, trazendo assuntos do momento, como as queimadas na Amazônia e no pantanal (alunos demonstraram interesse); e de forma interativa conversamos sobre a classe de palavras acessórias chamada de advérbio, a atividade final foi um sorteio de advérbios e eles deveriam elaborar uma frase com o seu, corrigimos cada uma no quadro e o resultado foi bastante satisfatório. Para o próximo tópico, Discurso Direto (DD) e discurso Indireto (DI), produzi um texto onde predominava o DD, falamos das marcas deste tipo de enunciação, e passamos para o DI, inicialmente tirando as marcas do DD (dois pontos e travessão); em outra aula fiz a linha do tempo dos verbos no indicativo e abordei a mudança do verbo quando houver a transposição de DD para DI, após esta discussão voltamos ao texto e reescrevemos em DI, agora *voltando uma casa* no tempo verbal. Nosso foco principal era facilitar a compreensão e praticar.

O material usado foi principalmente folhas impressas e quadro, esporadicamente vídeo (como a turma não era muito grande, baixei o vídeo e eles viram no meu computador).

Minhas impressões: na regência a turma foi muito receptiva embora apresentem uma certa resistência em relação à aula de Português – Dentro da realidade desta escola, da sala de aula do A6B, o desafio foi, sem acesso a recursos de Tecnologia da Informação e da Comunicação (TIC), conseguir a atenção destes indivíduos – Com o questionário respondido pelos alunos e revendo a teoria das aulas da faculdade, relativas a linguística aplicada ao ensino de português (IRANDÉ, 2003, 2014; TRAVAGLIA, 1998) pratiquei refletir sobre estímulos que favoreçam a aprendizagem e a inclusão (minha e deles) e penso que a possibilidade de explorar os conceitos por meio de textos, levados por mim e elaborados por eles individualmente e em grupo, construindo o conhecimento de forma cooperativa (PEREIRA E SANCHES, 2013), é uma forma mais atrativa do que a expositiva tradicional, mesmo sem acesso as TICs.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diria que até agora tivemos bons resultados nesta experiência. Durante a observação da turma tive a consciência que a abordagem, que mantém as amarras tradicionais, da língua materna precisa mudar. O ensino humanizado, cooperativo, mas centrado no aluno (consciente de sua individualidade e da importância do grupo) e a abordagem reflexiva do conteúdo, baseada em análise de textos (em suas diversas formas) e as atividades mais extrovertidas e interativas, nos pareceu um caminho mais agradável aos alunos; e nos parece um caminho bastante viável para que eles inseridos no social, adquiram o protagonismo no seu processo individual aprendizagem.

Assim, embora conscientes de que meu desempenho poderia ter sido melhor, ao ministrar as aulas do estágio de regência, visando o aproveitamento do aluno (pois a atenção ao processo nos ajuda nos ajustes futuros), ficamos satisfeitas com esta pequena mostra de interação em sala de aula.

Certa de que “é pelo contato que se educa” (ROGERS, *apud* DE LIMA, 2018), agora como futura professora, preciso aprimoramento e aprofundar meus estudos nesta forma de ensino mais humana e cooperativa, com atenção para o que vem sendo estudado pela Linguística Aplicada, com abordagem reflexiva do conteúdo de linguagens, para que com resultados positivos, possamos conquistar outros professores a engajarem-se conosco por uma sala de aula pensada para desenvolver as potencialidades dos alunos. Buscamos uma sala de aula onde a aprendizagem, embora individual, tenha o processo apoiado no grupo, pois o conhecimento é construído em sociedade.

A proficiência no conhecimento quanto aos três pilares que nortearam nossas escolhas para ministrar as aulas da regência: o ensino humanizado, a aprendizagem cooperativa e a abordagem reflexiva do conteúdo de Português, nos abrem possibilidades para, dentro da atual situação estrutural da grande maioria das escolas públicas periféricas, buscar engajar o aluno, possibilitando o resgate de sua atenção para o aprendizado da língua materna e isto deverá refletir em uma melhora geral do seu aproveitamento escolar.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ANTUNES, Irandé. **Gramática contextualizada. Limpando o pó das ideias**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- DE LIMA, Letícia Dayane. Teoria humanista: Carl Rogers e a educação. **Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais-UNIT-ALAGOAS**, v. 4, n. 3, p. 161-161, 2018.
- DA SILVA SOUSA, Isete. Estreitando caminhos para a aprendizagem: Carl Rogers e a teoria da Aprendizagem Centrada no Aluno. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 11, p. 1904-1915, 2021.
- PEREIRA, Marta; SANCHES, Isabel Rodrigues. Aprender com a diversidade: as metodologias de aprendizagem cooperativa na sala de aula. **Nuances: estudos sobre Educação**, v. 24, n. 3, p. 118-139, 2013.
- SOUZA, Wélia Leão de. A linguística Aplicada ao ensino de língua portuguesa: o ensino-aprendizagem da Língua Materna no espaço da sala de aula. **Revista Eventos Pedagógicos**, volume 3, nº 1, Número Especial, p599-610, abril 2012.

TRAVAGLIA, L. C.; ARAÚJO, MHS. LC. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino da gramática no primeiro e segundo graus.** São Paulo: Editora Cortez, 1998.